
a 00002 66515 5

PEDRO MONTEIRO CARDOSO

ALGAS

E

CORAIS

EDIÇÃO DO AUTOR

TIPOGRAFIA «MINERVA»
VILA NOVA DE FAMALICÃO

ALGAS
E
CORAIS

PEDRO MONTEIRO CARDOSO

ALGAS

E

CORAIS

EDIÇÃO DO AUTOR

TIPOGRAFIA «MINERVA» DE GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO—AVENIDA BARÃO DE TROVISQUEIRA, VILA NOVA DE FAMALICÃO—1928.



Minha alma é um oceano esplendoroso
De vida e róseos sonhos palpitante,
Quando sôbre êle, ó Lua, ó minha amante,
Se arqueia o céu do teu olhar radioso.

Em atrás nuvens somes-te distante
E ruge o vento das paixões furioso.
Ei-lo que erriça a côma e, tempestuoso,
Retumba as solidões com a voz bramante.

Boiam à tona da irisada espuma,
Longínquas praias ideais buscando,
As **Algas** da Esperança esmeraldina;

Do amor, da crença e da virtude em suma,
Ao sol rutilam os **Corais** brotando
Da abissal profundeza neptunina.

Memória

do meu Irmão

GUILHERME M. CARDOSO

I

ALGAS

CANÇÃO

Se o canto dissipa mágoa
Como à treva a luz do Sol,
Não deveras, em verdade,
Ser tão triste, ó rouxinol.

APENAS a rúbida aurora
distende seu manto de luz,
nas flores e folhas virentes
refulgem gotinhas luzentes
de orvalhos que escorrem a flux.

Acorda gazil toutinegra
e solta do ninho adorado
oculto na rama frondente
saudoso e melífluo trinado,
soluço de mágoa pungente.

Saúda a manhã que desponta
e o Sol que as alturas colora
em doce e vibrante harmonia...
e uma ária modula sonora
à volta da noite sombria.

¿Que mágoas, que penas tão fundas
te obrigam, ó triste, a chorar?
Talvez em tua alma avezinha,
exista bem como na minha
a dôr dum severo penar!

Se esquiva ao bulício do mundo
tu levas a vida cantando,
também na solidão mais escura
buscando no canto ventura,
eu minhas canções vou rimando.

ADEUS AO FOGO

A's minhas filhas Teodora e Idalina

Só Deus sabe quanto sofre
Quem deixa a terra natal,
Quem deixa o lar, a família
E o carinho maternal!

Só Deus sabe a dôr acerba
Que o coração nos tortura,
Ao deixar tantos amores,
Ao deixar tanta ventura!

E'-me forçoso deixar-te,
Fogo meu idolatrado!
E' o dever que me chama
Imperioso como o Fado.

Adeus, ó Pátria querida,
Onde à luz sorri primeiro,
Onde emfim dormir espero
O meu sono derradeiro!

Adeus, campos deleitosos
Dos dias da minha infância!
Adeus, rosas e boninas
De tam amena fragrância!

Adeus, aves — meus enlevos —
Cantando pelas ribeiras!
Adeus, canções de quebranto
Das crioulas feiticeiras!

Só Deus sabe quanto sofre
Quem deixa tanta ventura,
Quando os campos se revestem
De encantos e de verdura!

Quam triste não é, quam triste
Deixar a terra natal,
Quando a doce toutinegra
Gorgeia no laranjal!

Quando o céu é mais risonho
E a terra tem mais primores;
Quando o mar é mais sereno
E os astros têm mais fulgores!

Adeus, Fogo meu amado!
Adeus, minha Mãe querida!
Adeus! Deixo-vos, partindo,
Meu coração, minha vida.

A' BEIRA-MAR

Era tarde. Sentado à beira-mar
Das águas contemplando a imensidade,
Vinham as ondas os meus pés beijar,
Soluçando queixumes de saudade.

Com os olhos pregados no horizonte
Onde, tombando, o Sol, langue e saudoso,
Ia esconder a desmaiada fronte,
Sentidas vozes escutei choroso.

3



Julguei-as cantos de risonhas fadas,
Julguei-as cantos de mimosas aves;
Mas eram ais que as brisas perfumadas
Me traziam em frémitos suaves.

Eram prantos de alguém que eu amo e adoro,
Alguém que a mim, também, ama-me e adora.
Chorei de ouvir tais queixas e inda choro
Por saber que há alguém que por mim chora.

A

JOSÉ LOPES

E

EUGÉNIO TAVARES

Poetas, águias no arrôjo,
Rouxinóis no padecer...

POETAS

I

As plantas lacerando nos espinhos
De que é a senda que trilhais vestida,
Vós ides, ó Poetas, pela vida
Em febre a mente, exaustos e sòzinhos.

Por longas dores a alma emfim vencida,
Assentais-vos à beira dos caminhos
A mendigar amores e carinhos
Sem nunca ser a vossa voz ouvida.

De alguém que passa, em sonhos de milhões
E infames lucros todo embevecido,
Só colheis um sorriso de desdém.

E' que não pode o verme às amplidões
Erguer-se, nem o avaro empedernido
Compreender a Virtude, o Belo e o Bem!

II

A existência levais sempre a cantar...
Mas não minora o canto a desventura
E o sofrimento de vossa alma pura
De sonhos e ilusões a trasbordar.

Caminhais pela rua da Amargura
— A fronte em luz e sangue a flamejar —
Expostos como o Cristo ao riso alvar
De certa casta de Judeus, impura.

¿Que importa vos conduzam ao Calvário
E vos preguem nos braços de uma cruz
Êsses de quem se há-de esquècer a História?

Pois, se tendes, Poetas, o fadário
E a sorte do mansíssimo Jesus,
Como Êle heis-de fruir eterna glória!

SPES

TRISTE do nauta entre parcéis perdido
Ou a vogar sem rumo em torvos mares,
Se lhe não surge a refulgir nos ares
Uma estrêla que o guie ao lar querido!

Ai! do viandante do simún batido
Por desertos e inóspitos algares,
Se um oásis vicejante de palmares
Lhe não sorri, e de matiz vestido!

E's, Esperança, a estrêla fulgurante
Que piedosa guia ao lar distante
O lasso nauta em proceloso mar.

E's da vida no tórrido areal
Doce oásis e fonte de cristal
Onde a sêde o viajor vai mitigar.

DOLOR

Ao Dr. Corsino Lopes

PARA o País ignoto da Quimera,
Menino e moço, me partira errante...
Era minha alma em pleno Abril, vibrante
E leda como a flórea Primavera.

E fui seguindo... que o meu fado era,
Triste Asavero, caminhar àvante.
Mas o País cada vez mais distante
Parecia ser pôsto em outra esfera.

Ao lago da Esperança bonançoso
A's margens de oiro chego, emfim, saudoso...
Ninfas que os magos filtros teem de amor

Nos braços seus recebem-me cantando...
Tudo, porém, foi sonho! Eis que, chorando,
Acordo aos uivos da megera-Dôr.

Ao Ex.mo Sr. Edmundo Saint-Aubyn

CHOVAM bênçãos do céu sôbre esta casa!
Que o manto divinal de sua graça
Sôbre ela estenda a Virgem como uma asa
E a abrigue contra os raios da desgraça.

Beijos tem do Sol quando se levanta,
Seus últimos lampejos quando morre.
Sôbre a colina posta, alveja e encanta
Como uma ermida ou legendária tôrre.

Vinde e batei! Logo por mãos de fadas
Que vos recebem cheias de bondade,
Vereis em par as portas descerradas.

Entrai! Há nela quanto enleve e apraza.
Ninho da Honra e da felicidade,
Chovam bênçãos do céu sôbre esta casa!

A' Ex.ma Senhora D. Maria O'Neill

MAR de esmeralda sem fim!
Aos afagos da bonança
Vai o ousado bergantim
Dos meus sonhos de criança.

Vai ovante deslizando
sôbre as ondas docemente,
do noto não se lembrando
que sempre vem de repente.

Rósea esperança alvorece
seus pendões a tremular...
As penas também esquece
minha alma dentro a cantar.

Sereno o leme tenteia
meu altivo coração,
escutando a melopeia
das ninfas na solidão.

Ligeiro sulcando as ondas
vai o ousado bergantim
em demanda das Golcondas
dalgum novo Samorim...

Bem como a espuma esvaece
à flôr cerúlea do mar,
assim a mágoa fenece
no coração a cantar!

Segue firme ao seu destino
sem temer os aquilões,
embalado ao som divino
das harpas das ilusões.

Belo e ovante vai singrando
—seus pendões a tremular—
para longe me levando
da terra santa do lar!...

A Mário Pinto

PARA a Salêm ideal parti peregrinando,
Ousado e crente como um medieval Cruzado.
O Sol mordia a terra, ardente e purpureado
E os velhos troncos nús iam-se engrinaldando.

E, visão de luar, via ao longe alvejando
Sôbre a crista dum monte íngreme e alcantilado,
A alva Ermida do Sonho, o pouso ambicionado
Do pobre coração que ia peregrinando.

Romeiro do Ideal, partira de longada
Por êsse mundo fora ao sorrir da alvorada...
Que festivas canções das aves no arvoredo!

Tombou, ruíu emfim a graciosa Ermida!
Não maldigo, porém, a sorte desabrida
Se o caminho que trilho é nu como o rochedo!

A' Ex.ma Senhora D. Oliva Guerra

«ENCANTAMENTO»! Leio-o deslumbrado
Do mago brilho e poderoso encanto,
Sempre de verso a verso, canto a canto,
Em fúlguro crescendo apaixonado.

Para louvar-te, Musa, a voz levanto;
E do meu próprio nada deslembrado,
Todo me exalto em prece, aos céus eu brado:
«Bendito o fruto dêsse orgulho santo!»

O Amor seu canto de promessas feito
Vibrante ergueu do ninho do teu peito...
Oiço-o bem dentro em mim nêste momento!

Bem como ao Sol a veiga reflorida,
Sob o domínio dêsse canto, a Vida
Mais bela esplende à luz do «Encantamento»!

(1927).

CANÇÃO DOS OLHOS NEGROS

(IMITAÇÃO DE G. DIAS)

VI uns olhos negros, negros
Como as noites sem luar!
Com promessas de bonanças
Acendem na alma esperanças...
Prometem para enganar!

Uns olhos aveludados
E húmidos de sedução!
Antes os não visse: o vê-los
Plenos de sonhos e anelos,
Foi a minha perdição!

Quais duas claras estrêlas
Na forma e brilho iguais,
Teem luz suave e divina,
Teem luz que encanta e fascina,
Dão vida e morte olhos tais!

Olhos negros e profundos
Como os abismos do mar!
São negros e luz derramam,
Os peitos de amor inflamam,
Mas não se deixam amar!

Nos seus raios me prenderam,
Fiquei cego mal que os vi...
Olhos negros mas brilhantes
Quais dois negros diamantes,
Na sua luz me perdi!

Espelhos da alma, reflectem
As mágoas e os sonhos seus;
A's vezes dizem ventura,
Mas penso logo: — loucura!
Para outrem destina — a Deus!

Olhos negros que cegastes
O pobre do trovador!
Olhos negros mas brilhantes,
Poisai nem que por instantes
Nas trevas da minha dôr!

RECORDAÇÕES

A João José Nunes

Ó noite do Ano-Bom na Ilha Brava!
Ó noite de poesia e suavidade!
Como ao lembrar-te, chora de saudade
Minha alma triste, do sofrer escrava!

Eu oiço ainda os gárrulos descantes
P'la noite vasta esplêndida de lumes:
Morriam as estrêlas com ciumes
Dos Lares, astros de oiro deslumbrantes.

Ao recordar-te, ó noite do Ano-Bom!
Lembram-me os meus antigos companheiros...
Que é dêles? Onde estão os altaneiros
Magriços da Amizade e do Bom Tom?

Uns lá se foram remontando às plagas
Da Canaan aos eleitos prometida;
Outros vão-se arrastando pela vida
Os pés em sangue e o coração em chagas.

Se me transporto à minha mocidade
Vem-me entre risos lágrimas em fio...
Aos vivos, ternas saudações envio;
Aos mortos, uma prece e uma saudade.

II

CORAIS

Entre as brumas da memória,
Ó Pátria, sente-se a voz
Dos teus egrégios Avós,
Que ha-de guiar-te à vitória!

(Hino Nacional.)

PROFITEOR

HÁ três palavras apenas
Formando celsa Trindade,
Que é bom o povo conheça:
DEUS, Pátria, Liberdade!

Como inflamais,
Augustos verbos,
Peitos leais!

Deus eterno e soberano,
Que tem nas palmas da mão
Êsses mundos infinitos
Que revoam na amplidão...

Omnipotente,
Louvado sejas
Eternamente!

Deus clemente e generoso,
Que em Belém pobre nasceu
E na Cruz para salvar-nos
Sôbre o Calvário morreu!

Senhor, Senhor,
Tem piedade
Do pecador!

Pátria, terra abençoada
Onde pela vez primeira
Vimos raiar purpurina
A alvorada prazenteira.

O' Mãi querida,
Amor primeiro
Da minha vida!

Urna santa e preciosa,
Que encerra as cinzas sagradas
De tantas liras sublimes,
De tantas leais espadas!

Só ambiciono
Em ti dormir
O último sono!

Liberdade, deusa egrégia
Das supremas redenções;
Verbo divino abrasando
Os juvenis corações!

Celeste lume,
E's da Esperança
Vivo perfume!

Desde as mais longínquas eras,
Os homens, de Deus a-par,
Sempre te sagraram preitos,
Sempre te ergueram altar;

E em tuas aras
Sacrificaram
As vidas caras!

4

Se o teu culto sacrossanto
Alguém ousar subverter,
Há-de a altiva Mocidade
Por ti lutar e vencer!

Que da Opressão
As trevas fogem
Ao teu clarão!

Liberdade, Liberdade,
O' divina Emanação!
Tu que o meu estro aviventas,
Escuta a minha oração:

— «Farol de Deus,
A Pátria guia
Nos escarcéus! —»

Para os meus filhos recitarem

NASCI na ilha do Fogo,
Sou, pois, Caboverdeano.
E disso tanto me ufano
Que por nada dera tal.
Se filho de Cabo Verde,
Assevero — fronte erguida —
Que me é honra a mais subida
Ser neto de Portugal!

Aprendi a História Pátria,
Sei bem que é ser português.
E', qual o cantor de Inês,
Ser bravo, digno e leal;
E' ser como os que passaram
Inda àlém da Taprobana...
Por isso muito me ufana
Ser neto de Portugal!

JUSTITIA

FOI o teu leite, Mãe, espiritual e forte
Que na frágil argila em corpo modelada,
Minha alma alimentou e fez robusta e ousada,
Invencível à dôr e sobranceira à morte.

E' a luz do teu olhar, luz santa e imaculada
Que me aponta o dever como constante norte
E me faz pela vida, aos furacões da sorte,
Marchar seguro e só, de fronte alevantada.

Por ti combato e vivo: é por influxos teus
Que a César jàmais dei o que pertence a Deus,
Que odeio a tirania e defendo a inocência.

Ah! se me fez teu leite a alma diamantina,
Se a luz do teu olhar a senda me ilumina,
E' tua, ó Mãe, a voz que eu oiço na consciência!

ARGONAUTA

EI-LO que vai, no leme a sábia mão firmada
da nova Argos que rasga a vastidão do Oceano,
na sublime ambição de desvendar o arcano
e ver a Ilha do Ouro, a terra afortunada.

Mar em fora êle vai. O vento o largo pano
da gloriosa nau mais que nenhuma ousada,
bate e enfuna a ringir com fôrça desmarcada.
¿Que importa? Guia-o a Cruz do Pendão Lusitano!

Do Adamastor vencendo as iras e ameaças
e do Noto o furor presagiando desgraças,
às plagas aportou do encantado Oriente.

Para cantar-te, ó Gama, o feito imorredouro
surge Camões, e, em punho a egrégia lira de ouro,
teu nome imortaliza em seu poema ingente!

A CAMÕES

I

MENTE sublime às nobres musas dada,
Braço potente às diras armas feito!
Tangendo a cítara ou brandindo a espada
Jus tens da Pátria às sagrações e ao preito.

Teu nome entre os mais ínclitos cantores
Fulge qual Sírio entre as demais estrêlas:
¿Onde tantos arrojos e esplendores?
¿Onde canções e páginas tam belas?

Do teu poema a voz altissonante
Repercute em minha alma como o grito
De um bélico clarim tocando àvante.

E, a-par dos fortes e imortais barões
Que cantaste, por tempo indefinito
Teu nome apregoará, divo Camões!

II

Simbolizando a Pátria aventureira
Tu fôste àlém, atravessando os mares,
Louros ceifar à líbica torreira
E nos remotos índicos palmares.

À ver estranhos climas, novos ares,
Seguiste o Gama na luzente esteira
E o Cabo das Tormentas e Pezares
Transpuseste de fronte sobranceira.

Tam opulenta outrora, hoje mendiga,
A Pátria, qual raínha destronada,
Pelo passado seu mesta suspira.

Eia! porque refulja a glória antiga,
Soldado, ergue-te e cinge a tua espada!
Poeta, ergue-te e empunha a tua lira!

AERONAUTAS

A Gago Coutinho e Sacadura Cabral

I

O' gente mais que quanta ousada, forte e digna!
ue não contente já com subjugado haver
odo o vasto Oriente, ora não se resígna
entre as nações do mundo inda a mais clara ser!

ára, não ouses mais. Tua missão insígne
em na cumpriste ao sol das batalhas a arder...
ueres de Cristo a lei, a redentora signa
as estrêlas também ir espalhar, erguer?

Eis, como a águia real dos Hermínios, ligeira,
Ao longe, rumo ao Sul, acima do horizonte,
Desparece a Aeronave esbelta e aventureira.

«Ah! Deus te guie»! — murmura a Pátria Lusitana
E olhos longos, erguida ao céu a augusta fronte,
Sôbre a praia se fica em ânsia sobreumana!

II

Ei-los que vão! Em cima o abismo do infinito,
Em baixo o abismo hiante e infinito do mar.
Não lhes vence a coragem ancestral, de granito,
A certeza da morte a uma pane no ar.

E na febre dum sonho empolgante, bendito,
O passado esplendor evocam a raiar,
Ante as cultas nações, nesse heroísmo avito
Que as Quinas implantara em terras de Além-Mar.

Fulgurantes de glória, ei-los que passam, vão
A mensagem levar de amizade fraterna
À Pátria de Dumont e Severo e Gusmão.

Da viagem sublime a curva triunfal
Em arco ficará de aliança sempiterna
Entre o jovem Brasil e o velho Portugal.

III

Salvè, Heróis, em quem poder não tem a morte!
Ante a vossa ousadia e feito sem igual,
No auge de entusiasmo e de épico transporte
Vibra do Algarve ao Minho a Alma Nacional.

A nós, também, nos coube a honra e egrégia sorte
De sermos como Vós, filhos de Portugal.
A mesma glória, pois, nas mesmas crenças forte,
Palpita em cada peito um coração leal.

Honrando a Pátria amada, ergueis-vos, Aeronautas
À luz da História iguais aos guerreiros e nautas
Que Camões eterniza em cantos homerianos.

Ah! pudesse eu agora em versos de fulgor,
Da façanha imortal em férvido louvor,
Dizer todo o sentir dos Afro-lusitanos!

IV

Portugal caminhava exausto para o abismo,
Em fundo desalento e perdida a memória
Das ínclitas acções, do passado heroísmo
Com que assombrando iluminou a História.

Parece que morrera a fé e o patriotismo
Nas almas dos heróis com os hinos da vitória,
E imperando ficara o impudente cinismo
Sôbre êsse povo audaz de legendária glória.

Repousara demais a lusa Pátria amada.
Mas, eis que emfim desperta ao clangor da alvorada
E de novo se ostenta aventureiro e forte.

Agora, em paz e amor e trabalhos fecundos,
Na senda do progresso, em busca de outros mundo
Das nações marchará na dianteira coorte.

A SARMENTO DE BEIRES

TU que soubeste erguer das cinzas do Passado
A alma de Portugal aureolando-a de glória,
E em surtos de condor imensa trajectória
Deixaste a scintilar no Espaço constelado;

Pelo teu heroísmo e fé de iluminado
Bem-mereces da Pátria os lauréis da vitória;
Teu nome será, pois, no mármore da História
Em diamante e rubins para sempre gravado.

Essa esteira de luz sulcando a tela azul
— De Lisboa a Macau e ao Cruzeiro do Sul —
Longa e brilhante como a cauda dum cometa,

Põe em foco o teu vulto agora e no Futuro
E sagra-te do Ar excelso Palinuro,
Émulo de Camões, como Êle herói-poeta!

CANÇÃO DA BANDEIRA

BANDEIRA das Cinco Chagas,
Bandeira de Portugal!
De glória nos unge a fronte
Como a bênção maternal!

Nuvem branca em céu azúleo,
Rubra aurora sôbre o mar —
E' sempre o símbolo augusto
Da nossa Terra sem-par.

Beijada das brisas tépidas
Ou rasgada dos tufões,
Em toda a parte descanta
As avitas tradições.

Das Quinas formoso lábaro,
Seja qual fôr sua côr,
Tem direito ao nosso culto,
Nosso sangue, nosso amor.

Dos rochedos nus de Sagres
Águia altiva, o vôo ergueu,
E no tôpo das galeras
Deu a volta ao mundo, deu!

Impoluta e vencedora
Fulgiu a todos os sóis,
Alçada nas mãos robustas
De tantos Lusos Heróis!

De vê-la ainda entre os astros,
Nova estrêla a scintilar,
Ninguém se admire, que à Pátria
CABRAIS não hão-de faltar.

Nobre Pendão brasonado
Das insígnias de Jesus,
Paira sôbre nossa fronte
Em lindo pálio de luz.

Bandeira das Cinco Chagas,
Bandeira de Portugal!
Sê nossa mortalha quando
Fôr da jornada final!

À Sagrada Memória

dos meus Pais

e

do meu saudoso filho Afro

HUMILDEMENTE,
FERVOROSAMENTE

CONSAGRO.

DEUS

A noite desce lenta e tristemente.
Pálido o sol descamba no horizonte.
Mostrando a Lua vem detrás do monte
A face peregrina e alvinitente.

Passa ligeira a viração gemente
Do basto palmeiral beijando a fronte.
Na limpidez da lacrimosa fonte
O azul do céu se espelha suavemente.

Quem longa vida a mim, Senhor, me dera,
E um raio dessa eterna primavera
Para cantar-Te as glórias noite e dia.

Em tudo vejo o teu poder imenso:
No Sol brilhando com fulgor intenso,
No Mar gemendo sôbre a areia fria!

AVÈ-MARIA

A Juventude ao começar o estudo
E o sábio crente a meditar sisudo,
Sôbre os livros se curvam e murmuram:
Avè-Maria!

Nauta infeliz que por feios mares
Chora saudades dos paternos lares,
Se ouve bramir a tempestade, reza:
Avè-Maria!

Enfêrmo sem ninguêm curtindo agruras
Dum hospital nas enxergas duras,
Ergue-se na asa da esperança e clama:
Avè-Maria!

O pecador, ovelha fugitiva
Do santo aprisco e ao bom Pastor esquiva,
Se arrependido volta, diz chorando:
Avè-Maria!

Invocando-vos, Virgem pura e santa,
Quér no céu, quér na terra tudo canta
Com sã ternura e férvido transporte:
Avè-Maria!

Eu sempre vos exoro, ó Mãi bendita,
Em horas de tristeza ou de alegria.
Ah! concedei-me, pois, a celsa dita
De morrer invocando-vos, Maria!

PERDÃO

EM um ameno val da Galileia
Jesus prègava à multidão um dia,
Justo e severo fulminando a orgia
Dos depravados filhos da Judeia.

Alto fala porque não se arreceia
Das verdades eternas que anuncia.
O povo atento e comovido ouvia
A doutrina que as más paixões refreia.

A seus pés Madalena, arrependida,
Chora, maldiz sua passada vida,
Imensa noite de infernal prazer.

Então, erguendo a voz suave e pura,
Jesus lhe disse num sorriso grave:
— «Estás perdoada, vai em paz, mulher!» —

SURREXIT

A lousa por ignota mão volvida,
Radiante surgiu o Salvador
Do túmulo. Eis da morte vencedor
O que nos trouxe a redenção e a vida!

A natureza festival, garrida,
Os crepes funerais de luto e dôr
Depõe, e as aves nos vergéis em flôr
Soltam a voz harmónica e sentida.

Ergue também aos céus, Humanidade,
Teu canto celebrando a liberdade
Que te veio trazer o bom Jesus.

Surgiu com vida, triunfou do Inferno...
Hossana ao Cristo, filho sempiterno
De Deus, que se imolou por nós na cruz!

INVOCAÇÃO

HÁ tanto tempo, ó minha Mãe querida,
Que emfim por Deus chamada, te partiste
E me deixaste a errar sòzinho e triste
Na selva escura desta negra vida.

Se lá nessa mansão aonde subiste
Te é dado ouvir a prece dolorida
E os gritos de minha alma, órfã perdida
Em tanto horror que neste mundo existe;

Se ver te é dado a lívida amargura
Que o coração devasta e me tortura
Preso à montanha trágica da dôr:

Cobre de bênçãos o teu pobre filho,
Ampara-o da virtude no árduo trilho
Com teu assíduo maternal fervor!

À MEMÓRIA DE LEÃO XIII

Justitiam colui...
At non flectar...

AMEI sempre a justiça e por amá-la
Quantas lutas, Jesus, hei afrontado!
Mas nas tuas promessas escudado,
Defendo a Fé, nenhum poder me abala.

Descido embora ao mais lugente estado,
Nunca me curvarei tíbio, sem fala
À prepotência e infernal cabala
Dos feros inimigos do Papado.

Por ti, ó Cristo, em prol de tua Grei,
Dores, tormentos, tudo sofrerei
Com ânimo tranqüilo e resignado.

Por ti, ó Cristo, pela Santa Igreja
Venha o martírio e abençoado seja!
Ah! morresse eu também crucificado!

A

ANTÓNIO CORRÊA DE OLIVEIRA

CANÇÃO DA ÁRVORE

Homens cegos que não vêdes,
Minados de eternas sêdes
A minar a terra e a frágua!
Se delas fontes quiserdes,
Enchei-as de árvores verdes:
Dai água a quem pedís água.

C. O.

CANÇÃO DA ÁRVORE

PASSA o vento em sua romagem,
Suspira brando na folhagem,
Fala o Arvoredo murmurando:
— «Somos as Árvores amigas,
Vimos das eras mais antigas
Sempre o homem acompanhando.»

«Naquela alta idade nascente,
Quando ainda puro e inocente
Como o fizera o Grande Oleiro,
Foi bem à nossa sombra amena,
Sôbre uma alfombra de açucena,
Que dormiu o sono primeiro.»

«Depois, na sua vida errante
Pela face da terra infante,
A marcha incerta lhe amparámos
Dos nossos pomos com a doçura
E a fortaleza alta e segura
Dos frondentes e fortes ramos.»

«Babilónias esplendorosas,
— Densas florestas rumorosas —
Do homem o génio memorando,
Já levantam contra o infinito
De suas tôrres de granito
O torvo grito formidando.»

Passa o Tempo em sua romagem,
Suspira o vento na folhagem,
Fala o Arvoredo murmurando:
— «Somos as Árvores amigas,
Vimos das eras mais antigas
Sempre o homem acompanhando.»

«De Maio aos rútilos fulgores,
—Noivas coroadas de áureas flores
Sob um manto côr da Esperança;
Mães sublimes, do Outono aos brilhos,
Mil vezes morrendo em seus filhos
Porque haja amor, luz e abastança:»

«Somos as naus e as caravelas
Que, vencedoras das procelas,
Dobraram o Cabo do Mundo;
A barquinha das aeronaves
Que vão sulcando como as aves
O abismo etereal, sem fundo;»

«A haste da Flâmula Sagrada
No chão da Pátria levantada
Da Liberdade em garantia;
O cabo da enxada na lida
Em que o homem consome a vida
Buscando o pão de cada dia;»

«O berço do filhinho amado,
O brando leito do noivado,
A alegre chama do seu lar;
E as sentinelas dedicadas,
Ao depois, sòzinhas plantadas
Junto à sua campa a velar!»

Passa o Tempo em sua romagem,
Suspira o vento na folhagem,
Suspira e passa murmurando:
— «Somos as Árvores amigas,
Vimos das eras mais antigas
Sempre o homem acompanhando.»

«Somos a pêna audaz, inquieta,
Que vibra na mão do poeta
Às rajadas da inspiração!
Bendito o Excelso Jardineiro
Que, no longínquo Éden, primeiro
Lá nos plantou por sua mão!»

(Julho-1927).

BENDITO

Para os meus filhos rezarem

NA luz do luar de opala
Das aves na melodia,
Dos campos na verde gala,
Das ondas na litania;
Do Sol no fulgor intenso,
Nos uivos da ventania,
Das flores no olente incenso,
Da música na harmonia;

Nos sonhos da mocidade,
Na divina Poesia
E nos cantos da saudade:
Seja noite, seja dia,
Quér no campo, quér na igreja,
Bendito e louvado seja
O santo nome de Deus!

ÍNDICE

RAFODJOS

PEDRO CARDOSO



RAFODJOS



CABO VERDE

QUADRAS

EM

CRIOULO DE CABO VERDE

Como uma espécie de termómetro muito sensível, a linguagem acusa as mais pequenas variações de clima; não pode deslocar-se de norte para sul, de oriente para poente, sem que modifique alguns dos seus caracteres.

Mendes dos Remédios.

À afinidade e filiação dos idiomas não se deduz da semelhança dos vocábulos, mas da sua sintaxe e mecanismo.

J. P. Ribeiro.

O crioulo é um derivado da nossa língua, tão irregular e caprichoso, quanto expressivo e rico.

O carácter do povo caboverdeano está, mais ou menos pitorescamente, expresso na fonalidade dos seus dialectos, que variam de ilha para ilha, como de ilha para ilha varia o perfil físico.

Logo, não havendo dúvidas de que o dialecto crioulo seja uma transformação da língua portuguesa, deve ser certo que êle merece ser estudado e conservado gràficamente como elemento de filologia.

Eugénio de Paula Tavares.

(1924).

M'bá sintâ na rol de mar
Pa m'odjâ ondia quebrâ;
Ma m'sinti muto sodade,
Ai que m'cunçâ ta tchorâ.

M'tchorâ tóque ago corré...
Ninguem ca bem consolâm!
Sodade de nha cretcheu,
Sodade que ta matâm.

*

*   *

Si Nhor-Dés dâ pomba asa,
Êl nxinal tambem boâ.
Ma, si Êl dâ nhá coraçan,
Cretcheu Êl ca nxinâ nhá.

Sete bêz nôte fitchâ,
Sete bêz dia manchê:
Sete bêz mi m'pedi nhá,
Sete bêz nha flâm:—«m'ca crê!»

*

*   *

Pa m'flabo dór de nha peto,
Nha mágua pa m'contabél,
Nim que ágo-l mar birâ tinta,
Nim que céu birâ papél!

Óque bu stâ longe, osente,
Nha sprito ta noticê;
Nha ôdjo ê cumâ dôs bica
Nôte e dia ta corré!

*

*   *

M'sintâ ta cudâ na bida,
Lembrâm nha têmpo-l rapaz.
Ma m'cudâ, m'tornâ lembrâ
Qu'êl passâ pa ca bem más.

Hora que Sol ta cambâ
M'sintâ, m'pô ôdjo na tchom.
M'ca drumí ni m'ca sunhâ...
Sodade, m'sintí bu mom!

*

* *

Bu fazê cara zangado
Pamó m'flâ ma m'crêbo tcheu...
Sim pagâ dibra de amor
Ninguem ca ta entrâ na céu.

Nhor-Dés, canto Êl fazê mundo,
Criâ tudo co sê par:
Sol co Lua, Adam co Eba...
Êl flâ — és: — «multiplicar!»

*

* *

Pa guente obí co despreso
Bu flâ ma bu ca mestêm.
Fala fede de bu boca
Pa mi más sabe ca tem.

Ca bu papiâ soberba,
Fidja, ê pecado mortal.
Mal que no fazê na mundo,
Li mé que no ta pagal.

*
* *

M'tirâ sangue de nha beia
Pa m'fazê tinta escrebê.
Ni assim bu ca podê
De nha amor fazê ideia!

Si nós cretcheu bem de fundo,
Dixás flâ cusa qu'és crê.
Mi é de bó, bó ê de mê...
Que más no mestê na mundo?

*
* *

Nubre ta passâ na céu
Sê sombra ta andâ na tchom.
Osência ê nubre; 'Sodade,
Sê sombra na coraçom.

Tristeza ê cumâ neba,
S'êl detâ ta sucurcê;
Alegria, cumâ Sol,
Mal êl pontâ, dja manchê.

*

*   *

Arguêm bem contâm segredo
Ma bu stâ bá bu caminho...
M'pensâ logo na tristeza
De m'ficâ sim bu carinho!

«Si dixâm ca ta pezabo,
«—Tóque m'bem!»—ómeno flâm.
Ma, si bu bem, bu ca atchâm,
Pedí Nhor-Dés p'Êl purdabo.

*

*   *

Nha cretcheu bá sê caminho
Sim êl flâm, sim despidi!
Pa ca largâm más, Sodade
Bem logo morâ na mi...

M'ca sabê cusa m'fazé
Pa Nossior castigâm sim:
Êl dâm, Êl tornâ tomâm
Nha cretcheu, fról de jasmim!

TRADUÇÕES

E ADAPTAÇÕES DE TROVAS LUSO-BRASILEIRAS

I

M'razâ, m'pedí Nossenhor
P'Êl librâm de tentaçân.
Ma djâ m'odjâ qu'Êl stâ surdo,
Ca stâ obí nha oraçan.

Mudjê bonita e contente
Ta matâ cumâ peçonha;
S'êl ca matâ, ta birano
Triste ó dodo sim brigonha.

II

Prumêr Nhor-Dés fazê home;
Dispôs Êl fazê mudjê.
Logo coraçan contal...
De pô és junto Êl rapendê.

M'ca sabê sê bruxaria
Ó ardil de tentaçan.
Só m'spiabo, m'ta birâ
Cego e mudo sim rezan.

III

Nha pensamento ta buâ
más alto que papagaia;
Logo êl ta rastâ na tchom
Só m'odjâ renda bu saia.

Bu flâ amor ca ta doê...
Êl ta doê na coraçan.
Crê alguêm tcheu, bibê longe...
Flâm gô s'êl ta doê ó nan!

IV

Crabo branco óqu'êl abrí,
Parcê corôa Nho Rê.
Frumós cumâ crabo branco
Só um alguem que mim sabê.

Qêl bem más grande e sabe
Que Nossior tenê pa dâm,
Ta dependê só de um sim
Dés boca cór de român.

V

M'santâ praça de soldado
Na regimento de amor.
Pois, se foi de nha vontade,
Cumâ m'al ser desertor?!

Canto mi era galo nobo
M'cumeba milho na mom.
Hoje que mi ê galo bedjo
M'stâ quebrâ bico na tchom.

VI

Mudjê branca ê prata fina,
Mulata corrente de ôro.
Entre prumer e segundo
Moreninha ê nha tesouro.

Ê lei de amor berdadero,
Ê ca de cretcheu bòsbós:
Nunca no ta desquecê
Quem ta desquecê de nós.

VII

Tudo home óque êl ta embarcâ
Debê razã ni que um bêz;
Dôs, óque êl ta bá pa guerra,
Ma, óque êl ta casâ, três.

Quem que crê bida comprido
Fugí canto más podê
De dotor ó boticário,
De jôgo, grógue, mudjê.

NOTAS

M', mi (eu, me, mim, migo)
Bu; bo (tu; te, ti, tigo)
Êl; l' (êle; ela, lhe, o)
Nu, no (nós; nos, nosco)
Nhôs (vós, vos, vosco)
Ês; 's (êles, elas; lhes, os)

Nha (meu, minha)
Bu (teu, tua)
Sê (seu, sua)
Nós (nosso, nossa)
Nhôs (vosso, vossa)
Sés (seus, suas, dêles ou delas).

Ca (não); ta (a ou está); cumâ (como); pamó, pamode (porque). *Ta* é também partícula de realce. — M'ca ta bai (não vou). Como erbo (estar) serve para formar o pres. do indic. e a conjugação periástica.

Extractos de apreciações

«Primícias»

— «O trabalho, como todos aqueles que são produto das primeiras tentativas do engenho — mòrmente na dificílima arte do Verso — é de onde a onde desigual.

Mas predominam nêle muitas composições de grande valor e de palpitante espontaneidade.»

(a) *José Lopes.*

«Caboverdeanas»

— «Singelos, espontâneos e impregnados, por vezes, de um vago sentimento de melancolia, os versos de Pedro Cardoso agradam geralmente, já pelo suave perfume de sinceridade que os espiritualiza, já pela forma tão correcta como desartificiosa em que são compostos.

São bem o retrato moral do autor e, para que êsse retrato seja mais perfeito e completo, inclusivamente, contribue a circunstância de a cada passo se nos revelarem nessas produções os acendrados sentimentos de civismo e amor pátrio que são, porventura, os traços mais salientes do carácter do seu autor.»

(a) *Mário Pinto.*

«Jardim das Hespérides»

—«Pequeno volume de inspiradas poesias do nosso prezado colaborador P. M. Cardoso, que confirma a sua capacidade poética, já revelada em outras obras.»

(Do *Almanaque de Lembranças para 1927.)*

—«Versos com *poesia*—o que é cada vez mais raro. Sentimento, côr, naturalidade.

Pouco feliz o soneto «Menino e Moço». Sensualidade à sobreposse, um fecho bastante frouxo.

Apreciável a «Óde à África».

Contudo, afluências de prosaísmo.

E seguem os dois tercetos do segundo soneto dedicado a Camões

Tam opulenta outrora, e hoje mendiga,
A Pátria, qual raínha destronada,
Pelo passado seu mesta suspira.

Eia, porque refulja a glória antiga,
Soldado, ergue-te e cinge a tua espada!
Poeta, ergue-te e empunha a tua lira!

Pedro M. Cardoso tem chispas de epopeia no seu lirismo. ¿Do que carecerá êle para nos dar um poema notável, de-certo patriótico?

Dum entusiasmo mais compatível com a reflexão,—salvo o êrro. E também de mais fé—aliás legítima—no seu valor.

(a) *José Agostinho.*

(No jornal a *Época.)*

«Duas Canções»

(Duma carta)

Bravo! Olha se alguém põe isto em música para ser cantado nas escolas.

Versos vibrantes, cheios de luz, de sinceridade, de amor pátrio, nêles perpassa um sôpro de epopeia.

Bem hajas tu que não conspurcas a tua musa no sentimentalismo piegas e no pessimismo doentio, tanto em moda.

(a) *José Calasans.*

Versos fluentes, religiosos e patrioticos. Versos muito da alma.
Sentimento delicado. Obra duma consciência honesta.
Qualquer coisa de épico na delicadeza do lirismo.
Vigor e entusiasmo, emoção e fé.
Raros vestígios de arte pela arte.
Aqui e ali alguns excessos de epítetos.
Mas vibrações frementes e sentidas.
Amostra das quadras da «Canção da Bandeira»:

Bandeira das Cinco Chagas,
Bandeira de Portugal!
De glória nos unge a fronte,
Como a bênção maternal!

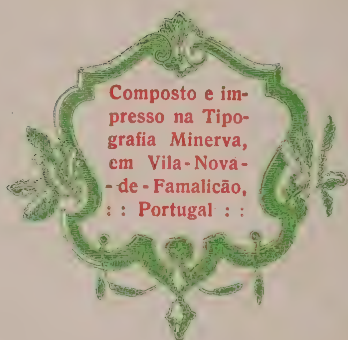
Nuvem branca em céu azúleo
—Rubra aurora sôbre o mar—
E' sempre o símbolo augusto
Da nossa Terra sem par.

O produto da venda do formoso opúsculo reverte em benefício da Cruz Vermelha Portuguesa. E', realmente, êsse o melhor meio de os poetas contribuírem com êxito para a dignidade da Terra sem par que outorgam ao nosso lindo Portugal.

(a) *José Agostinho.*

(Do jornal a *Voz*, n.º 286, 20 de Novembro de 1927).

ACABOU DE IMPRIMIR-SE
ÊSTE LIVRO, AOS 10 DE
JULHO DE 1928, NA TIPO-
GRAFIA «MINERVA», DE
VILA NOVA DE FAMALICÃO


Composto e im-
presso na Tipo-
grafia Minerva,
em Vila-Nova-
-de-Famalicão,
: : Portugal : :


00002665155
UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL